

REVISTA

BULUNGA

março de 2022 - número 3

EXCLUSIVO!

**Pela primeira vez na história,
um burro concede uma
entrevista para uma revista
brasileira.**

neste número

PAPO-CABEÇA
com Jorge F. Isah

Daniela Savassi e o seu
FEMINISMO COM FEMINILIDADE

DIÁRIO DE UM CONFINAMENTO
novos capítulos

HELVÉCIO SANTOS
Profissão: artista

BULLYING
um assunto que causa
muitos traumas

**PIADAS,
SPOILERS,
AUTOAJUDA,
DICAS
CONTOS,
CRÔNICAS
e muito mais**



Editorial

Prometemos, desde o primeiro número desta Revista Bulunga, que não nos envolveríamos em política e vamos cumprir rigorosamente a promessa, pois não somos políticos e honramos a nossa palavra. Mas não podemos deixar de falar do povo brasileiro, do pacato cidadão que se empenha em votar no paredão do Big Brother, da mesma forma como escolhe os seus representantes dos poderes Executivo e Legislativo, nas Câmaras e no Congresso, enquanto o mundo está prestes a entrar em uma guerra sem precedentes.

Representantes dos órgãos responsáveis pelo desembestamento da população estão preocupados com um alarmante aumento do IEC - Índice de Emburrecimento do Cidadão, ao mesmo tempo em que militantes da diversidade sexual estão empenhados em alterar as regras da ortografia e da gramática, relativamente às questões de gênero da língua portuguesa, mesmo sabendo que a grande maioria do povo mal sabe falar "nós foi" e "nós vai", e é ignorante de mãe, pai e parteira.

Toda a polêmica começou quando um desses militantes mais astuto percebeu que de nada adiantaria adotar o termo "menine", quando teriam que determiná-lo em uma oração, e assim tentarão agora suprimir os artigos "o" e "a", e até mesmo os artigos indefinidos e numerais "um" e "uma" do vocabulário nacional.

Outro assunto que está alarmando as autoridades sanitárias é a preocupação da classe média/alta de buscar a qualquer custo manter o seu status social mediante a troca de carro sempre que as fábricas alteram o formato do farol, da lanterna e dos para-choques, criando uma situação difícil para aqueles que não podem deixar transparecer que estão perdendo poder aquisitivo, por não conseguirem trocar prontamente os seus modelos "defasados".

A pandemia está finalmente sendo esquecida e outros assuntos estão sendo estudados para se tornarem manchetes dos jornais sensacionalistas, mas todos estão apostando as suas cartas nas eleições de novembro, cujo resultado poderá ser tão previsível quanto o que sai da bunda de um bebê.

E o povo vai seguindo a sua rotina como se nada pudesse afetá-lo neste circo que é o Brasil, onde, para sobreviver, é obrigado a atuar como mágico, trapezista, malabarista, engolidor de espadas, domador de leões e, principalmente, palhaço.

Michel Salomão



BULLYING

Bullying é o termo que se dá à prática de atos violentos, de forma **direta**, física ou verbal, ou ambas, intencional e repetitivamente contra uma vítima indefesa, mas também existe o ato praticado de forma **indireta**, que são os boatos e intrigas, feitos na ausência da vítima, com o objetivo de provocar a sua exclusão e isolamento, que também pode ser praticado por meio de dispositivos eletrônicos, pelas redes sociais.

A consequência são transtornos psicológicos causados na vítima, manifestados de várias formas como ansiedade, falta de sono, falta de apetite, problemas estomacais e intestinais, irritabilidade, depressão, pensamentos destrutivos, entre outros.

Em um passado não muito distante, essa atitude, que ainda não havia conquistado o nome chique, era uma prática comum a quase todo tipo de grupo, principalmente na vizinhança do bairro ou na escola, onde sempre se encontrava a figura do "valentão", que era temido por todos, geralmente rodeado por um bando de auxiliares que praticavam maldades sob sua proteção.

As vítimas eram obrigadas a buscarem soluções próprias, que não raras vezes significava se unir aos malfeitores, após provarem que também eram capazes de praticar violências contra outras vítimas.

Resistir era a atitude menos recomendável, pois incitava ainda mais a violência dos agressores, mas os que sobreviviam a esses ataques estavam prontos para enfrentarem os perigos da vida. Inclusive, vale destacar que as Forças Armadas eram o ambiente perfeito para a sua prática, principalmente entre sargentos e soldados, como já vimos em diversos filmes.

O cinema nos presenteou com cenas famosas como em "Carrie, a Estranha", em que a tímida e esquisita personagem recebe um balde de sangue e penas em sua cabeça, no meio do salão, em seu baile de formatura, e por este motivo resolve sair matando todo mundo. Teve também a famosa cena do filme "De Volta Para o Futuro", em que Marty Macfly é perseguido pelo fortão que estava assediando sua namorada e consegue escapar com o seu skate voador.

Mas no mundo real, talvez seja essa a explicação para tantos casos de neuroses, paranoias e outras psicoses, que levam pessoas aparentemente comuns a subirem em telhados ou entrarem em escolas para atirarem na multidão.

Quem não enlouquece acaba se filiando a partidos de oposição e passa a interpor ações em defesa de minorias que nem sempre são minorias. Muito chato isso.

Em resumo, por causa do bullying, a sociedade moderna passou a ser dividida em dois grupos: dos doidos e dos chatos. Se você não é um doido, pode ter certeza de que, neste momento, está estudando uma forma de processar os editores desta revista. Caso contrário, temos medo de pensar que você pode estar nos esperando na porta para nos pegar.



Eu gosto do Will Smith. Ele fez “A Procura da Felicidade”, que foi muito bom, e Hitch – Um Conselheiro Amoroso”, também muito bom, e um monte de outros filmes ruins. Podemos dizer que “Sete Vidas” é um desses. Mas pode ser que alguém goste, pois tem gente que gosta de funk e de várias outras coisas detestáveis. Por isso fiz questão de contar alguns detalhes deste filme, pois vai que você muda de ideia e fica só na leitura deste artigo, e assim terei feito uma boa ação.

O diretor é o mesmo de “A Procura...”, Gabriele Muccino, e foi um filme encomendado pelo próprio Will, que chegou bem próximo de ganhar um Oscar, mas parece que dessa vez eles forçaram a barra para ver se conseguiam verter mais lágrimas do público do que daquela outra.

Will Smith interpreta Ben Thomas, um agente de seguros que já na primeira cena dá a entender que quer se matar, porque esconde um grande drama em sua vida. Ele provocou um acidente com o carrão dele, em que morreu a sua noiva e mais seis pessoas, num total de... sete, mas isso o público só vai saber quase no final.

Aí ele conhece Emily, interpretada por Rosario Dawson, uma mocinha frágil que tem os dias contados, porque precisa se submeter a um transplante de coração. Já deu para entender o que vai acontecer?

Ainda não? Tudo bem, então vamos em frente. O Will, mesmo deprimidaço, logo consegue dar uns catracos na mocinha, e logo se apaixonam, mas também conhece um cara cego, interpretado por Woody Harrelson, que precisava de um transplante de córnea. E ele faz contato com cinco outros gaiatos que precisavam de outros tipos de transplantes, e assim ele resolve ajudá-los, para compensar a besteira que fez no passado.



Agora você consegue entender o nome do filme: Sete Vidas. Tudo muito óbvio, não?

Parece que durante todo o filme os atores, o diretor, os câmeras, os assistentes e toda a produção ficam pedindo para o espectador: Chore! Chore! Chore! Mas não dá certo.

Em uma das cenas finais, ele se deixa matar por uma poderosíssima água-viva que coloca na banheira cheia de gelo, para conservar as suas partes depois de morto, não sem antes ligar para a emergência e dar todas as orientações de como retirar os seus órgãos valiosíssimos, pois, afinal, é o Will Smith. E finalmente morre.



Na cena derradeira, a mocinha fica se lembrando do grande amor de sua vida e do sacrifício que fez por ela, mas ela acaba encontrando o carinha das córneas e os dois ficam frente a frente, forçando para chorar um pouco mas também não conseguem.

Pena que não o Will não tenha feito uma última doação, porque precisaríamos ter muito SACO para aguentar esse filme até o final.

PAPO-CABEÇA

O "Meridiano de Sangue" sem fim, de Cormac McCarthy

Este é o terceiro livro de Cormac que leio.

Em relação a "Onde os velhos não têm vez" e "A Estrada", noto grandes diferenças. Se a primeira história tinha todos os elementos presentes em "Meridiano", aquele se parecia mais com um enredo, digamos, comum (sabendo que nenhuma narrativa de Cormac pode ser considerada comum, no sentido mais... comum do termo), e a "Estrada" é mais otimista, ainda que em um cenário apocalíptico, caótico e maligno, como gosta de ambientar os seus livros.

Em todos, contudo, temos a linguagem crua e nua, sucinta, seca, mesmo na multidão de palavras; frases inteiras sem pausa, vírgulas, escritas sem descanso; descrições de eventos e pessoas que compõem a escória da humanidade; e os que a ela não pertencem, assistem passivos, a se configurarem nos mais escabrosos e cruéis espectadores da desordem e destruição. Não raramente são estes as "vítimas", em um cenário onde o bem é a utopia mais visivelmente negligenciada.

Cormac, no entanto, se utiliza da poesia para "atenuar", e as vezes reforçar, elementos em sua narrativa. Algo que pensei, e não sei se era a sua real intenção, é demonstrar que, mesmo na aridez da imagem (as paisagens rústicas e primitivas), ou o caráter bestial dos personagens, pode-se apreender algo de belo, natural, simplório, mas nunca inocente. Uma pureza primitiva, selvagem, mas jamais inofensiva.

Não há psicologismos, nem se faz conhecer os personagens pelo que pensam, por suas elucubrações, mas pelos seus atos, ações, pois elas falam por si e por eles. Não se sabe de remorsos, arrependimentos, temores, dúvidas ou aflições, mas apenas aquilo que fazem, como agem, normalmente de maneira indiferente, brutal, impiedosa, quase mecânica. O fatalismo parece ser a máxima das ações, onde ninguém pode se esquivar de ser o que é, de fazer o que tem de ser feito ou foi destinado a fazer.

Não existe espaço para a bondade ou companheirismo. Apenas a sobrevivência a qualquer custo e o poder acima de tudo, em um ajuntamento de homens sem escrúpulos, moral, não obstante, traindo-se e abandonando-se mutuamente. É como uma matilha de lobos sem alimento, onde um devora o outro; e o último morrerá de fome e à míngua. Mortes, assassinatos pelos motivos mais banais: um olhar atravessado ou uma zombaria, faz com que o sangue não seja o final, mas o meio de subsistência dos vencedores.

O enredo se passa em meados do século XIX. O cenário: o velho-oeste americano, mais especificamente na fronteira com o México, para aonde os EUA se expandiam.

Após concluir a leitura, posso garantir que este é um dos mais, senão o mais violento, que li. As atrocidades cometidas pela "criatura" de Mary Shelley, nem de longe ameaçam o pódio de Meridiano, como um livro sanguinário entre os mais bárbaros. Portanto, não poderia ser escolhido um título melhor: Blood Meridian, um meridiano banhado em cor vermelha escarlate.

O protagonista "Kid", um jovem sem destino, se vê acoplado ao bando de mercenários que foi dizima-

do pelos índios. Kid sobrevive e se junta ao bando de outro mercenário "Glanton", que também caça escalpos. Eles vendem seus serviços para dizimar grupos e povoados: brancos, negros, mestiços ou índios. Importa-lhes o dinheiro, nada mais, além do estigma aterrador que o nome, e a presença, desperta no ouvinte ou assistência.

A visão pessimista de Cormac, ateu, se apropria das tragédias e do mal para mostrar um mundo sem esperança, onde o bem é apenas ficção (não a sua ficção), e a maldade a própria essência humana. Não existe frescor, descanso, paz, apenas guerra, dor, morte e muitas batalhas a serem travadas. Não é o banho de sangue pelo sangue, mas a crítica por detrás do sangue.

Por outro lado, parece reafirmar um conceito esquecido pela maioria dos cristãos, o da "depravação total do homem": de que todo o ser do homem foi contaminado pela Queda, no Éden; manchando e corrompendo o homem bom, puro, e induzindo-o ao mal hegemônico. O autor, ao não ver bondade inerente no homem, hiperboliza a Queda, despreza o Imago Dei; e faz, em um mundo "desgovernado", o inferno que muitos acreditam existir somente aqui.

Não diria que ele seja um niilista clássico, mas existe uma porção niilista em sua narrativa. Não há uma "pregação" quanto à destruição das instituições e valores tradicionais, como se fossem obstáculos à vida ou liberdade humana, mas a própria ineficiência ou incapacidade delas coibirem verdadeiramente o caos e a destruição. Em muitos aspectos, elas mesmas fomentam, num tipo de transferir poderes para mercenários como Holden e Glanton (uma higienização estatal, onde a carnificina é patrocinada mas nunca é tocada diretamente), o mal que dizem combater.

Em tempo: sobre Holden, um personagem cínico, culto/erudito, carismático mas temível; capaz de esmagar um crânio com as mãos, mas também de dançar como um hábil bailarino; temos o "grande" personagem central. Ainda que possamos afirmar a centralidade da guerra como a protagonista (ao menos uma delas), Holden transpõe as páginas como um Quixote às avessas, sem os ideais heroicos deste, entretanto, de alguma maneira, vivendo uma vida de versos e canções clássicas, na pluralidade das línguas originais, na dissertação de cânones e meditações tracionais, como um alívio para a própria alma, e a afirmação da sua autoridade (diga-se, superioridade) para com os demais do bando, fazendo-se herói de si mesmo. Não raro, ainda que fosse o mais aterrorizante dentre os facínoras, era descrito como louco ou diletante; uma personalidade fascinante, irresistível, que trazia terror, admiração e, por que não, algo parecido à veneração.

Um senão, que ainda não detectei a causa, é que a narrativa, a despeito dos muitos momentos de ação, pareceu arrastar-se um pouco e, em alguns momentos, chegou mesmo a entender. Raros, diga-se de passagem, mas existentes, o que não vivenciei em "Onde os velhos não têm vez" e "A Estrada". Mas McCarthy é McCarthy! Que venham mais livros dele!

por Jorge F. Isah

ENTREVISTA

Em um momento raro da história, que ficará registrado em todos os compêndios da literatura mundial, a Revista Bulunga, fazendo uso dos equipamentos de comunicação mais modernos até então existentes, encomendados nos Estados Unidos, mas fabricados na China, foi capaz de captar e traduzir o depoimento de um representante da espécie Muar, também denominado BURRO, até então conhecido pela sua capacidade de executar tarefas pesadas em condições insalubres, sem o devido reconhecimento de sua importância para a cadeia produtiva da sociedade moderna. Em uma conversa descontraída, realizada debaixo de uma árvore frondosa, em uma tarde de sábado, pudemos colher o depoimento dessa espécie adulta, cor castanha, pesando 320 quilos e medindo 1.30m. Durante duas horas, conseguimos abordar os mais diversos assuntos, entre filosofia, psicologia, política e religião, interrompidos vez ou outra para que ele pudesse comer porções de alfafa e encher um balde com os seus excrementos, que posteriormente se transformariam em esterco para as nossas plantações.

BULUNGA - Para começo de conversa, e pedindo desculpas pela nossa ignorância, o senhor é um burro, um asno, um jegue ou um jumento?

BURRO - Um dromedário.

BULUNGA - Dromedário?

BURRO - É lógico que não, seu jumento. Existem diferenças fundamentais entre as espécies: Asno é o nome popular do burro, do jumento e do jegue. O jumento faz parte da espécie asinina. O burro e a mula são espécimes muares, resultado do cruzamento entre equinos (égua) e asininos (jumento). O bardoto é originado pela reprodução entre um cavalo (equino) e uma jumenta (asinino). Com exceção do jumento, todos estes são animais híbridos, resultado do cruzamento entre um equino e um asinino. Estas crias são estéreis, pois o número de cromossomos em equinos é maior do que em jumentos e jumentas. Enquanto um equino possui 64 cromossomos, o asinino tem 62. O resultado deste cruzamento gera animais com 63 cromossomos. A parte biológica responsável pela reprodução em espécimes com números de cromossomos ímpares não funciona como deveria e, por isso, são animais que não se reproduzem. Para melhor entendimento, os Asininos são o jumento e jumenta. Os Muares são o burro, a mula e o bardoto, e os Equinos são o cavalo e a égua.



BULUNGA – Excelente exposição. O senhor poderia ser um professor da rede pública de ensino.

BURRO – Eu não seria tão burro. Como poderia aceitar que os professores, que são essenciais, recebam salários tão miseráveis? Por outro lado, os políticos, que são uns inúteis, ganham fortunas. Não seria isso um paradoxo?

BULUNGA – Certamente...

BURRO – Às vezes fica difícil entender o ser humano.

BULUNGA – Nem nós conseguimos entender...

BURRO – Fico vendo os seus pensadores, gente do nível de Nietzsche, Schopenhauer, Sartre, entre outros, que ficavam teorizando um monte de coisas para nada concluírem. Não sabem nem mesmo afirmar quem nasceu primeiro: se o ovo ou a galinha. Não tem a mínima ideia de onde vieram ou para onde vão. Toda essa filosofia é inútil. Por outro lado, se acaso se concentrassem na questão do capim, poderiam facilmente refletir: “como, logo cago”...

BULUNGA – Tem fundamento... é muito lógico. Mas vamos mudar de assunto, pois as conversas podem desvirtuar para outros lados. Vamos falar de doença. Quanto à pandemia que se espalhou pelo mundo, a exposição do vírus não afetou a “imunidade de rebanho”?

BURRO – Não é rebanho: é manada.

BULUNGA – Desculpe-me a burrice, digo, o erro...

BURRO - Sabíamos que a exposição do vírus na manada afetaria um número inicial de elementos e com o tempo observaríamos uma natural imunização. Obviamente, se atrasássemos essa exposição, o período de contaminação seria prorrogado por mais tempo, causando prejuízos incalculáveis.

BULUNGA – E como vocês fizeram para evitar a proliferação dessa doença?

BURRO – Muitos líderes insistiram no slogan “fique no curral”, mas sabíamos, como disse, que isso resultaria em problemas muito maiores, como a queda da produção. Imagine todos os burros parados, sem trabalhar, os produtos precisando ser levados de carroça até outras localidades. Seria o caos. Até os burros sabem que seria uma imensa burrice, digo, humanidade, fazer isso.

BULUNGA – Mas quais foram as medidas que vocês adotaram para se protegerem?

BURRO - Somos burros: não usamos máscaras nem tomamos vacinas. Ficamos ao ar livre, tomando sol., ao contrário dos humanos, que chegaram a proibir passeios em locais abertos. Foi muito divertido ver na TV os policiais prendendo as pessoas que queriam caminhar pelas praças e praias para tomarem sol. Todo o reino animal sabe que o sol funciona como um remédio contra as doenças infecciosas. Até os cachorros, com sua atitude subserviente com relação aos humanos, sabem disso. E os seus médicos aviaram as receitas prescritas pelos políticos e autoridades que nada entendem de pandemias.

BULUNGA – Que burros!

BURRO – Agora você me ofendeu...

BULUNGA – Desculpe-me: é a força do hábito!

BURRO – Está desculpado. Mas para concluir, não tomamos remédios ou injetamos produtos em nosso corpo que possam causar efeitos devastadores em nossos organismos. Os burros jamais fariam isso.

BULUNGA – Tem razão... uma outra pergunta: por qual motivo os burros “empacam”?

BURRO – Os burros empacam por questões de convicção. Não são como os humanos, que se deixam levar por atrativos nem sempre honestos, que surfam nas ondas das oportunidades, independente da moral e da ética. Entre os burros não existe a corrupção. Para os burros, só existem duas atitudes a serem tomadas: eles ficam ou eles vão. Não há meio termo. Se um burro empacou, é porque não era para ir.



BULUNGA – Vocês não se sentem atraídos pelo dinheiro, pela opulência do ouro, da prata, das pedras preciosas?

BURRO – Vou devolver a pergunta a você: por que são tão caros? Por que são belos? São caros e belos por que são raros?

BULUNGA – Exatamente isso! Eles tem tanto valor porque poucos humanos conseguem ter acesso a esses bens. Aí aguça o desejo.

BURRO – Mas para obterem esses bens, vocês precisam destruir a natureza. Assim, com o passar do tempo, as matas, água pura, o ar, serão considerados raros, não é mesmo?

BULUNGA – Exatamente!

BURRO – Então esses itens passarão a ser muito mais cobiçados do que o ouro, a prata e as pedras preciosas, certo?

BULUNGA – Certo...

BURRO – Depois nós é que somos burros...

BULUNGA – E quanto à religião? Vocês acreditam em alguma coisa?

BURRO – Certamente. Existe apenas um só criador que nos fez, da forma que somos, mas os humanos são tão “burros” – fazendo uso do termo que vocês habitualmente utilizam - que querem deixar de desfrutar da sua função na natureza para assumirem o papel do próprio criador. E é claro que não vai dar certo. Imagine: criar um novo ser em laboratório quando poderia deixar nascer de forma natural. Ou mudar o sexo por puro lazer. Ou ainda remendar partes do corpo e injetar substâncias estranhas como se, com isso, pudessem alcançar a vida eterna.



BULUNGA – E por falar nisso, como se deu a evolução de sua espécie?

BURRO – Os burros dominaram o planeta há milhões e milhões de anos, muito antes dos reptilianos, dos dinossauros e da ascensão dos macacos, seus parentes mais evoluídos. Desenvolvemos uma filosofia apurada e o ápice foi a experiência do espelho, quando o primeiro burro, ao fixá-lo, proclamou: “os burros são os outros”.

BULUNGA – Muito profunda essa reflexão... Mas vamos à última pergunta: os burros são de “esquerda” ou de “direita”?

BURRO - Os burros são ambidestros. Entendemos que não vale a pena se apegar a uma ideologia que dá mostras de esgotamento. Ambas apresentam falhas insanáveis, são sazonais e autróficas. O povo é uma grande massa de manobra, e se inclina a uma e outra posição de acordo com as vantagens recebidas. Hoje amam a esquerda, amanhã amarão a direita, depois passarão a odiá-la e também à outra. Vamos imaginar que os humanos passassem a comer capim, e assim tudo dependeria dele: o comércio, a indústria, o status social, as relações de poder, de domínio sexual, as convicções religiosas, etc. Mas se o capim mudasse de cor, o povo morreria de fome.

BULUNGA – Não entendi...

BURRO – Não me espanta. Afinal, você é humano...

RESILIÊNCIA

Resiliência é um termo utilizado em diversas áreas do conhecimento. Para a física é a capacidade de um material voltar ao estado normal depois de ser submetido a uma deformidade elástica.

Por analogia, a psicologia adota o termo para definir a capacidade comportamental das pessoas ressignificarem traumas, ameaças, tragédias ou fontes de estresse. São homens ou mulheres que adquiriram a habilidade de resolver dificuldades com recursos novos e criativos. E o melhor: são leves e evitam reclamar das circunstâncias, pois focam na “solução” e não no “problema”.

Resiliência não significa a falta de angústia ou dor diante das intempéries da vida. As pessoas dotadas dessa característica confiam em seu poder pessoal, são proativas e veem as dificuldades como “desafios” e não “problemas”.

Como exemplo de resiliência, podemos citar o médico austríaco, Victor Frankl, fundador da escola de logoterapia. Victor, sua mulher grávida e demais membros de sua família judia foram deportados para campos de concentração na segunda grande guerra. Apenas ao fim desta, ao ser libertado, teve conhecimento da morte de sua esposa, de seus pais e de seu irmão no Holocausto nazista. Apesar da angústia vivenciada, deixou o legado de seu trabalho como médico, professor, além de ter suas obras traduzidas para mais de 30 idiomas.

Além de Victor Frankl, pessoas como Paulo de Tarso, Madre Teresa de Calcutá e Nelson Mandela, também ressignificaram as suas histórias de dor. Não só. Eles acreditaram em si mesmos e foram os “influencers” da sua época, pois influenciaram e ainda influenciam a vida de milhões. Espelham a máxima “As palavras ensinam, mas os exemplos arrastam”.

Todas as pessoas citadas como referência de resiliência não detinham poder temporal do mundo, nem investimentos vultosos em patrimônio. Na verdade, eram detentoras do patrimônio da perseverança, da fé e da esperança. Simplesmente, permitiram transbordar amor.

Resiliência é quase um superpoder. Literalmente, fantástico. As próprias histórias de super-heróis exploram personagens resilientes. E não poderia esquecer do X-Men com suas infinitas versões. E adivinhem qual o meu personagem preferido? O Wolverine. Sim. É ele. Aquele que vive sozinho, sem a companhia da sua amada, Jean, a mais poderosa da liga. Apesar da imortalidade que o atormenta, ele cai, machuca, regenera e se levanta. Mesmo sem conseguir ler mentes, nem mover metal, nem fazer chover ou atear fogo, ele sai da sua solidão com suas GARRAS para solucionar os desafios. Afinal, ele possui a tal RESILIÊNCIA.

por NÁDIA SANTIAGO

Diário de um Confinamento

crônicas de Michel Salomão

CAPÍTULO 8

Com esse confinamento forçado, por conta da pandemia, fui obrigado a ficar mais em casa. Mas em termos: sempre dava um jeito de sair, quase sempre ao supermercado, umas três vezes ao dia, às vezes até mais. Os shoppings estavam fechados, não se podia passear nas praças e as ruas da minha cidade eram muito feias. Assim, inventava sempre de esquecer algum ingrediente para uma receita e lá ia eu, resignado, trocar a minha roupa, não esquecendo de colocar um boné, óculos escuros e a máscara.

As atendentes deviam ficar se perguntando quem era esse velho maluco que não tinha medo de contrair a doença e ia lá toda hora para comprar alguma coisa.

Numa dessas visitas, indicaram-me a fila preferencial, e aí fiquei verdadeiramente ofendido, pois ainda faltavam dois anos para assumir a derrota de ter que ouvir as atendentes gritando, por acharem que eu era surdo, como se todo velho fosse surdo, e assim prometi nunca mais voltar naquele lugar. Mas voltei. Era o único do bairro.

Tem muita gente com medo de adoecer. Certo dia, no elevador, uma vizinha quase infartou quando fiz menção de entrar com ela, pois estava distraído, mexendo no celular, e a orientação era para que descesse um morador de cada vez, mas na verdade eu é que estaria em risco, caso o elevador enguiçasse com nós dois lá dentro, pois ela poderia se transformar em um desses monstros de filme japoneses.

Não aguento mais ouvir falar de isolamento. Não que eu seja um cara sociável, mas quero poder escolher ficar em isolamento. Eu sempre fui uma espécie de eremita, mas ser obrigado a fazer isso é muito desagradável. Os seres humanos me cansam com sua falsa amabilidade. Não fosse essa pandemia, me encontraria no elevador com outros vizinhos e todos falariam amavelmente “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “parece que vai chover”.

A maioria das pessoas vive de aparências. Se relacionam superficialmente, vão a festas, bares, restaurantes, quase sempre com objetivo de compararem as suas vidas com as dos outros. Contam vantagens até com a pandemia. Dizem que é só uma gripezinha, que são tipo atletas, mas no fundo se borram com medo da doença. Tenho a esperança que isso acabe em breve. Está bem complicado. Mas se demorar muito eu espero.



CAPÍTULO 9

Perdi a noção de quanto tempo estava confinado. Há muitos dias não encontrava com a Velha Fumanchu em minhas caminhadas matinais com meus animais excretores, mas acabei dando de cara com ela, ou melhor, de costas, e tive a oportunidade de ver aquela sua velha calça de moleton cinza sem recheio na parte traseira, acompanhada de sua irritante cachorrinha Yorkshire.

Juro para vocês que ela arranjou um jeito de fumar sem tirar a máscara: só dava para ver fumaça saindo pelos lados, deixando sua figura com um tenebroso ar de mistério.

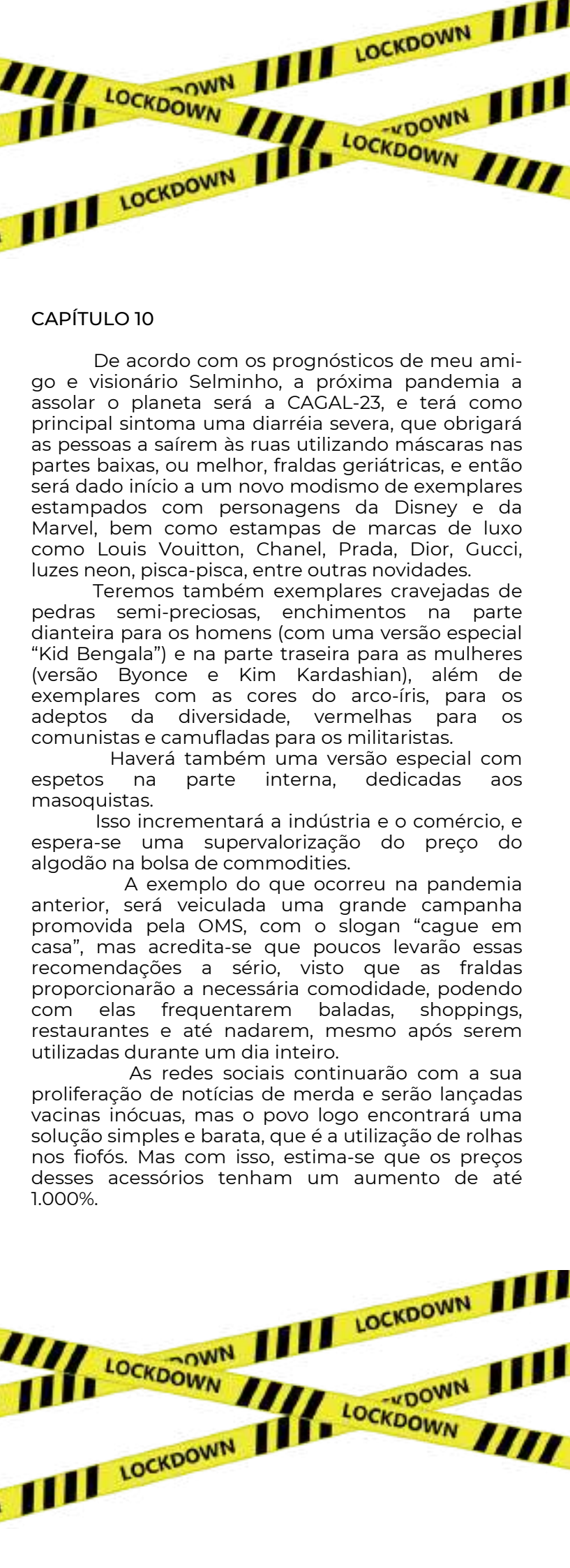
Muito maluca essa velha. Fico tentando imaginar o que ela pensa de mim. Não deve ser boa coisa, pois sei que tenho muitos defeitos internos e externos, mas espero que os primeiros sejam menores do que os segundos, pois tenho a pretensão de evoluir espiritualmente, mesmo ciente de que esse meu senso crítico me atrapalha.

Contudo, não faço isso por mal, pois é o meu jeito de seguir com essa vida cheia de dúvidas e medos, o que faz com que encubra os meus defeitos para apontar os defeitos dos outros. São truques que aprendemos a utilizar ao longo da vida para tentarmos manter um mínimo de sanidade e não sairmos pelados nas ruas, gritando e quebrando coisas.

Já vi muita gente fazendo isso e não quero fazer parte do time. Quero envelhecer de forma saudável, mantendo a postura e a lucidez, de forma diferente da Velha Fumanchu.

Na verdade, nem sei o que se passa na cabeça dela, não sei a sua história. Pode ter passado por experiências muito duras para poder ficar destruída daquele jeito, fumando que nem uma louca. Ela deve ter suas razões. E eu as minhas. Assim, mantivemos o nosso distanciamento habitual e cada qual seguiu o seu caminho rotineiro, até o fim do dia.





CAPÍTULO 10

De acordo com os prognósticos de meu amigo e visionário Selminho, a próxima pandemia a assolar o planeta será a CAGAL-23, e terá como principal sintoma uma diarreia severa, que obrigará as pessoas a saírem às ruas utilizando máscaras nas partes baixas, ou melhor, fraldas geriátricas, e então será dado início a um novo modismo de exemplares estampados com personagens da Disney e da Marvel, bem como estampas de marcas de luxo como Louis Vuitton, Chanel, Prada, Dior, Gucci, luzes neon, pisca-pisca, entre outras novidades.

Teremos também exemplares cravejadas de pedras semi-preciosas, enchimentos na parte dianteira para os homens (com uma versão especial “Kid Bengala”) e na parte traseira para as mulheres (versão Byonce e Kim Kardashian), além de exemplares com as cores do arco-íris, para os adeptos da diversidade, vermelhas para os comunistas e camufladas para os militaristas.

Haverá também uma versão especial com espetos na parte interna, dedicadas aos masoquistas.

Isso incrementará a indústria e o comércio, e espera-se uma supervalorização do preço do algodão na bolsa de commodities.

A exemplo do que ocorreu na pandemia anterior, será veiculada uma grande campanha promovida pela OMS, com o slogan “cague em casa”, mas acredita-se que poucos levarão essas recomendações a sério, visto que as fraldas proporcionarão a necessária comodidade, podendo com elas frequentarem baladas, shoppings, restaurantes e até nadarem, mesmo após serem utilizadas durante um dia inteiro.

As redes sociais continuarão com a sua proliferação de notícias de merda e serão lançadas vacinas inócuas, mas o povo logo encontrará uma solução simples e barata, que é a utilização de rolhas nos fiofós. Mas com isso, estima-se que os preços desses acessórios tenham um aumento de até 1.000%.



www.kalamoseditora.com

Dizem que moda é arte. Vá lá, pode até ser mesmo, ou ter sido um dia, em um longínquo século onde o gosto, quero dizer, o bom gosto era valorizado. Os pós-modernos dirão que a minha afirmação é por demais subjetiva para ser universal e válida. Tudo bem, entendo a parcialidade, mas por que o p.m. (sic) pode ser subjetivo em tudo e eu nem um pouquinho? Ao dizer que sou subjetivo o p.m. também usa da inclinação pessoal para confrontar a minha... E que raios quis dizer com 'universal e válida'? Mesmo tendo visões opostas, ou melhor, opiniões divergentes, estamos na mesma seara colhendo frutos diferentes: eu o trigo, ele o joio...

Deixando isso para lá, o fato é que as pessoas deveriam, por um mínimo de bom senso e ridículo, perceber a inferioridade de certas "criações", em suas bizarrices, insanidades e desjeitos. Existem coisas simplesmente escalafobéticas (ah!, essa você não conhecia), próximas da insanidade ou psicopatia, a tornar alguns sujeitos e sujeitas verdadeiros serial-killers estéticos. Se não pleiteio a prisão, ao menos deveria ser-lhes tirado lápis, canetas, papéis, tablets, notebooks e escâneres, numa espécie de desintoxicação, e completa privação, tais quais os dependentes químicos, p.ex. Devia-se criar o E.A. (estilistas anônimos), com reuniões semanais a fim de conservarem a saúde e equilíbrio mental e, sobretudo, visual.

Existem coisas inexplicáveis, e, certamente, na moda esta verdade se acentua aritmeticamente. Talvez, por isso, a maioria se conforme em aceitar certas "criações" pelo simples fato de não serem compreensíveis. E como tudo tem de ser aprovado e permitido, as críticas e rejeições a determinado padrão (ou anormalidade), fere as sensibilidades das gentes; então, é melhor deixar tudo como está, mesmo não devendo estar ou sequer ter desejado estar, entende... Se não captou, esquece!

Veja, p.ex., estas sumidades de fedos e infames modelos!

MO DA BE TU ME

por Clodokill
Fernandes



calças com reservatório sanitário



híbrido de cíclope e porco-espinho

Não sei aonde vamos parar. Sinceramente, espero não ser obrigado, um dia, a usar coisas assim ou piores. Ninguém deveria ser exposto a este tipo de “pornografia”, verdadeiro terrorismo ao belo e elegante. Ah, sim, novamente o p.m. me dirá que beleza e elegância são elementos culturais, subjetivos e, até mesmo, tirânicos, fruto da cultura patriarcal, cristã e machista. Pois bem, eu disse ao p.m.:

- Amigo, dispa-se de todos os seus clichês e preconceitos, e veja as coisas como elas realmente são.

Olhou-me intrigado, e parecia refletir nas minhas palavras. Mas, ao percebê-lo tirar a camisa, o relógio, a pulseira de contas e esvaziar os bolsos da calça, corri o máximo que pude, objetivamente, e larguei-o lá com suas subjetividades.



traumas de infância
podem definir a
moda



uma imagem
vale por mil
descargas

1 - Inauguramos esta nova seção, que tratará de moda e modismos e, eventualmente, canções folclóricas.

2 - Betume não tem nada a ver, exclusivamente, com piche ou asfalto. Muito menos conotação à cor e etnia. Betume, fique sabendo, é qualquer tipo de massa ou argamassa... E daí, você poderá compreender a ironia, entendeu?



NOS CUIDAMOS DAS SUAS ROUPAS PARA VC!



-  -Lavagem de roupas em geral
-  -Passadoria
-  -Remoção de manchas
-  -Limpeza de tapetes,
tenis, cortinas, redes e outros
-  -Lavanderia Self-Serviço

Mão de obra qualificada, produtos
de qualidade e equipamentos
modernos a sua disposição!

Av. Aggeu Pilo Sobrinho, 394 - Loja 16
Burriz, Belo Horizonte - MG, 30575-834.
SEG a SEX - 09:00 as 18:00 | SAB - 09:00 as 13:00
Em frente ao supermercado Dia.

(31) 3374 - 7281
(31) 98902-9482

CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão

Não há nada mais estranho do que ser abordado na rua por alguém que lhe diz, à queima-roupa: “Jesus te ama”. Sim, Jesus te ama, mas a recíproca pode não ser verdadeira. Como poderia amar quem você não conhece? Já ouviu falar dele, mas nunca leu a Bíblia, aquele livro grosso de capa geralmente preta, com letras miúdas e folhas fininhas.

Para muita gente, Jesus nunca existiu, ou melhor, pode ter existido, mas não tinha todo esse poder que atribuíam a ele, e podia até curar um ou outro doente, mas isso qualquer um faz, como o João de Deus, só que andar sobre as águas, transformar água em vinho e ressuscitar-se, aí já é demais.

Além disso, dizer que ele veio ao mundo para ser sacrificado, para falar de amor e mostrar que mesmo diante dessa situação extrema não deixaria de amar até mesmo os seus executores, aí já é TRUCO. Quem faria isso?

E falar de amor logo nesses tempos de discórdia, com uma guerra quase explodindo, com o mundo polarizado e cheio de ódios, não pega muito bem. Amor? Ah, deixa isso. Conta outra.

De acordo com a Bíblia, esse livro do qual falei e que agora tem até aplicativo para celular que a gente pode baixar de graça, Jesus foi enviado por Deus para selar um novo pacto com as suas criaturas.

Vale dizer que o Criador já havia tomado decisões severas anteriormente, quando expulsou Adão e Eva do paraíso e decidiu repovoar a terra, na época de Noé, a destruir Sodoma e Gomorra, a fustigar com rigor o povo do Egito, entre outras ações pontuais, mas todas foram infrutíferas, visto que as suas criaturas sempre voltavam a se rebelar, desobedecendo as suas ordens e se entregando a vícios considerados terríveis como o sacrifício humano e a adoração a imagens por eles criadas, como uma forma de provocação.

As pessoas podem ficar se perguntando porque Deus teria enviado o seu filho Jesus para este planeta, sabendo que iriam matá-lo com requintes de crueldade, só para salvar as almas dos pecadores, quando poderia facilmente fazer cair uma chuva de fogo e torrar todos os infiéis. Seria muito mais fácil, pois assim nos pouparia tanto esforço para tentarmos parecer que somos corretos.

Centenas, milhares de outros questionamentos poderiam ser feitos a respeito de Deus, de Jesus, do Espírito Santo e da Bíblia, mas mal temos condições de dizer se vai chover ao final da tarde, e ninguém sabe de nada, mas teima em dizer que esses relatos não passam de fábulas criadas com objetivo de se adestrarem as populações mundiais.

Seria necessário que reconhecêssemos as nossas limitações, para pensarmos na possibilidade da existência de um poder sobrenatural que comanda o Universo, que não se sustenta ao acaso. Mas fica bem mais fácil fazer de conta que essas coisas invisíveis e não palpáveis não existem. Tipo criança que esconde a cabeça debaixo da coberta quando pensa em assombração.

A vida humana não há de ser uma coincidência, fruto de combinações aleatórias de elementos químicos que resultaram em um ser que tem a capacidade de alterar as ordens das coisas, mas sempre inclinado para o mal, que invariavelmente se mostra mais atraente. E o proibido aguça a curiosidade e o desejo.

O problema é que a maldade é tão grande que alguns ainda tentam tirar vantagens de seu criador, elaborando regras não previstas pela divindade, desviando consigo milhares, às vezes milhões de seguidores de um caminho que seria pacífico.

Seria muito mais fácil relaxarmos e confiarmos, mas não é difícil perceber que quem tem fé passa pelas mesmas dificuldades em relação aos que não tem; que sofre acidentes, perde entes queridos, adocece, morre, e aí não se vê vantagem em seguir os mandamentos de um Deus que não oferece um mínimo de segurança, em troca de uma vida de privação de pecados, pois, para esses, pecar é muito legal, é divertido, é excitante, e assim se afunda em práticas nocivas à sociedade e, principalmente, a si próprio.

A vantagem daquele que crê é que poderá superar com mais facilidade esses baques e, principalmente, conseguirá passar para a fase seguinte, como se fosse num jogo de videogame, que é a vida eterna.

Puxa, havia me esquecido que tem muita gente que não acredita nessas coisas, pois acha que tudo acaba por aqui mesmo e que após essa existência fica uma tela escura para sempre, isso quando o sujeito não tem que repetir a fase e voltar a este mundo cruel para sofrer repetidas vezes, até “zerar” o jogo. De certa forma, dá para entender as razões de seu bloqueio, pois a coisa é mesmo embaçada. Mas é bom que saibam que, para aquele que não crê, além dessa escuridão, vai sentir um calor danado. Podem acreditar, pois é muito quente mesmo!



AFORISMOS DE KARL KRAUS



Karl Kraus nasceu na Áustria em 1874. Foi poeta, dramaturgo, ensaísta, jornalista e aforista. Sua pena era ferina e deixou muitos inimigos e desafetos, especialmente entre os do seu meio principal, o jornalismo. Duas vezes indicado ao Prêmio Nobel, foi um dos maiores escritores satíricos (senão o maior) do sec. XX, em língua alemã. Criticava veementemente a degradação e corrupção da língua, onde vislumbrava a causa de todos os males da sua época, acusando políticos, artistas e, especialmente a imprensa, de fomentá-las.

Para ele, a literatura estava se tornando em algo vulgar e mal feito; ignorando a capacidade de expressão linguística, o despreparo e desordem mental da maioria dos escritores (a adoção dos vulgarismos tem por objetivo camuflar e ocultar a inabilidade e incompetência de autores), acabam por se tornar, muitas vezes, fator de glória e orgulho, ou seja, a ignorância e o despreparo deixam de ser vícios e defeitos para se transmudarem em virtudes e qualidades.

Esse foi o século passado, e o estigma avança rapidamente, também, em nosso tempo. Haverá saída para gerações e gerações bombardeadas e expostas pelo banal, grosseiro e obsceno?... Deixemos, portanto, Karl Kraus responder.

Jorge F. Isah

"O aforismo jamais coincide com a verdade; ou é uma meia verdade ou uma verdade e meia."

"Escolho o meu inimigo pelo alcance da minha flecha."

"Apenas no prazer da reprodução linguística nasce um mundo a partir do caos."

"Os mais falsos argumentos podem mostrar um ódio correto."

"A carreira é um cavalo que chega à porta da eternidade sem cavaleiro."

"O mundo é uma prisão em que é preferível a cela de isolamento."

"Os artistas têm o direito de serem modestos e o dever de serem vaidosos."

"Dizer a verdade sem acreditar nela deveria ser considerado desonesto."

"O mal nunca prospera melhor do que quando lhe põem um ideal à frente."

"Um poema só é bom enquanto não sabemos quem foi que o escreveu."

"A linguagem é a mãe, não a criada do pensamento."

"O amor e a arte não abraçam o que é belo, mas o que justamente com esse abraço se torna belo."

"Uma das causas mais comuns de todas as doenças é o diagnóstico."

"O vício e a virtude são parentes como o carvão e o diamante."

"Só é artista aquele que é capaz de transformar a solução num enigma."

"Existem imbecis superficiais e imbecis profundos."

"Educação é aquilo que a maior parte das pessoas recebe, muitos transmitem e poucos possuem."

"O segredo do demagogo é de se fazer passar por tão estúpido quanto a sua plateia, para que esta imagine ser tão esperta quanto ele."

"O fraco fica em dúvida antes de tomar uma decisão; o forte, depois."

"O diabo é um otimista se acredita que pode piorar as pessoas."

Karl Kraus

AUTOAJUDE-SE A SI PRÓPRIO

por Michel Salomão

Nesta coluna você encontrará algumas dicas interessantes para tornar a sua vida melhor, mas se não der certo, poderá ao menos dar algumas modestas risadas.

Possivelmente, não ficaríamos satisfeitos se soubéssemos o que as pessoas pensam ou, pior, o que falam a nosso respeito em nossa ausência. É bem provável que a maior parte das observações seja acerca de nossos supostos defeitos. Pare um pouco para observar uma festa de casamento ou funeral, quando se reúnem parentes que não se veem há tempos. Preste a atenção nos comentários: "veja como ele envelheceu", ou "olhe como ela engordou", ou então "ela já sabe quem é o pai da criança?", ou "ele nunca namorou: acho que não gosta de mulher".

Não alimente a esperança de que será poupado desses comentários. Em geral, os temas dos círculos familiares, profissionais, acadêmicos e até mesmo religiosos, com pequenas exceções, sempre giram em torno das mazelas que as pessoas mais se esforçam em esconder, sendo exatamente esses aspectos que tornam a brincadeira mais divertida. Para os outros, é claro.

- O senhor ficou rico escrevendo livros de auto-ajuda.



- Pois é! Eram de auto-ajuda.



andrade
etristeviverdehumor.blogspot.com

Temos uma tendência inata a pensar em coisas ruins. E apontar os defeitos dos outros parece ser mais fácil do que valorizar as nossas próprias qualidades. Talvez isso seja uma forma de defesa, pois, se não desvalorizamos o outro, ficaria muito ruim concluirmos que somos piores do que eles.

Por outro lado, o excesso de confiança pode não ser bem aceito pela nossa sociedade. A mediocridade predomina, sendo que o talento e a criatividade podem representar uma grande ameaça, o que nos obriga a ocultar as nossas melhores qualidades, ou corremos o risco de despertar a inveja das pessoas.

Existe uma passagem, que "capturei" na internet, atribuída a Winston Churchill, famoso estadista Inglês, que teria, ainda jovem, acabado de pronunciar seu discurso de estreia na Câmara dos Comuns, e foi perguntar a um velho parlamentar, amigo de seu pai, o que tinha achado do seu primeiro desempenho naquela assembleia de vedetes políticas. O velho pôs a mão no ombro de



Churchill e disse, em tom paternal: " Meu jovem, você cometeu um grande erro. Foi muito brilhante neste seu primeiro discurso na Casa. Isso é imperdoável. Devia ter começado um pouco mais na sombra. Devia ter gaguejado um pouco. Com a inteligência que demonstrou hoje, deve ter conquistado, no mínimo uns trinta inimigos. O talento assusta".

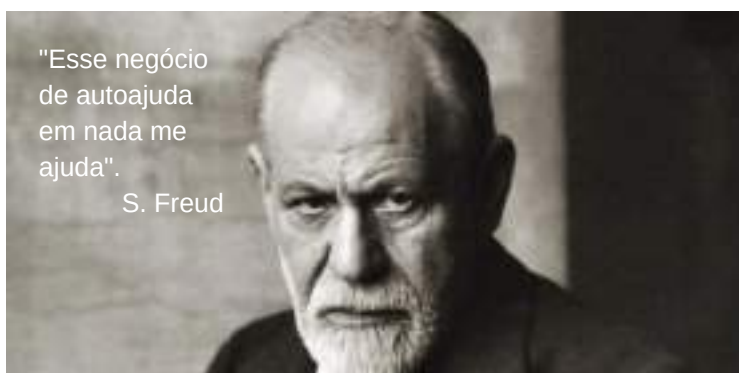
Tem gente que se preocupa demasiadamente com o que as outras pessoas pensam a seu respeito, e se arrepia com a ideia de estar sendo alvo do chamado "olho gordo", e isso não se relaciona unicamente a bens materiais, mas também com relação a prestígio, a fama e carisma, que também causam muita inveja. Mas não é preciso se esquentar com essas coisas, a não ser que as ações do outro possam efetivamente prejudicar os seus planos.

Alguns invejosos podem ser considerados inofensivos, enquanto outros partem para ações capazes de provocar prejuízos. Calúnias, injúrias, difamações e sabotagens são as armas mais comuns dessa espécie. É preciso cuidado quando a sua integridade passa a ser ameaçada. Nesse caso, é preciso reagir. Encarar o rival, deixando claro está atento às suas ações negativas pode ser uma das formas de reação. Em geral, ele irá negar tudo, podendo até fazer algum alarde, ficando aparentemente ofendido, mas estará ciente de que você não está desatento.

Mas se for preciso, um "tapa no pé do ouvido" pode resolver a questão. Brincadeira: não faça isso. Violência gera violência. Falei apenas porque prometi ser engraçado, mas acho que não consegui. Talvez no próximo número eu tenha mais sucesso.

"Esse negócio de autoajuda em nada me ajuda".

S. Freud





FEMINISMO COM FEMINILIDADE

por Daniela Savassi

Eu sempre achei que todo homem deveria ter ao menos uma filha, para compreender o Universo Feminino. É engraçado como todos os pais de meninas que eu conheço se tornaram homens mais sensíveis. Parece que eles aprendem a enxergar o que nos move e especialmente o que nos fere. Aprendem a reconhecer a alma feminina que existe dentro de nós desde pequenininhas.

Por outro lado, se você parar para reparar, mulheres que só tiveram filhos do sexo masculino costumam ser um pouco mais embrutecidas.

Geralmente são mães mais rígidas, mais sérias e muitas vezes acabam sendo comandantes da casa e competindo com os maridos.

Posso até gerar uma grande polêmica, muito embora não esteja generalizando, mas tão somente compartilhando algumas percepções minhas ao longo da vida. Até porque, essas posturas masculinas e femininas também podem ser modificadas de acordo com a criação e os valores com que cada um foi educado.

Entretanto não posso deixar de dizer que no meu mundo ideal, todo casal deveria ter um caszinho, para que houvesse um equilíbrio de compreensão de ambos os mundos. Mas, quem sou eu neste Universo tão vasto? Só uma reles espectadora divagando nesta coluna e com um grande sonho de ver o equilíbrio e a paz entre os sexos através, especialmente, da compreensão do vasto e lindo Universo feminino por parte dos homens.

Mas adianto que, o homem que se aventura a adentrar fundo no Universo de uma mulher e se deixa contaminar pelo seu vasto amor, tem as chaves do coração feminino.

Portanto, encerro hoje transcrevendo o texto de um vídeo lindíssimo que recebi outro dia de um evangelizador chamado Fábio Teruel e que me emocionou muito.

POR QUÊ ELAS CHORAM TANTO?

“Por que você está chorando mãe?” perguntou um garotinho à sua mãe.

“Porque sou mulher” respondeu ela.

“Mas, eu não entendo mamãe” disse o menino.

Sua mãe se inclinou em sua direção e abraçando-o disse: “Você jamais vai entender meu amor”!

Mais tarde perguntou ao seu pai: “Por que às vezes vejo a mamãe chorando?”

Respondeu o pai: “Ah, não liga meu filho. Todas as mulheres às vezes choram assim, sem razão nenhuma”!

O garoto cresceu, construiu sua família, mas aquela pergunta continuou ecoando dentro dele: “Por que as mulheres choram sem razão nenhuma?”

Até que um dia teve a oportunidade de perguntar a Deus: “Senhor, por que as mulheres choram tão facilmente?”

E Deus lhe respondeu: “Sabe filho, quando eu fiz a mulher, eu tinha que criar algo especial. Precisava ser forte o suficiente para suportar as pressões do mundo. E ao mesmo tempo ter a habilidade necessária para saber conduzir cada situação. Tinha que ter também uma enorme força interior para saber suportar as dores da vida e até mesmo uma enorme ingratidão de pessoas próximas.

Dei-lhe a resiliência, pra que pudesse seguir adiante, mesmo quando o inimigo fizesse de tudo para roubar o seu ânimo. Criei-a também com um nível espiritual mais elevado, para que ela pudesse continuar amando seus filhos sob qualquer circunstância. Mesmo quando eles já a tenham machucado muito. Dei a ela graça para que conseguisse sorrir, mesmo diante dos dissabores da vida. Dei tolerância, para que pudesse perdoar com rapidez e paciência, para que pudesse compreender que tudo acontece no meu tempo. Dei ainda compaixão para que não se contaminasse pela frieza dos homens e do mundo e tivesse sempre os olhos voltados para os meus pequeninos. Dei determinação para cerrar os punhos e fincar os pés no chão diante dos vendavais das injustiças, perdas e traições. Dei à ela sensibilidade para que olhasse tudo com os olhos do amor e desse sempre aos outros o benefício da dúvida! E as lágrimas, meu filho, ela pensa que as dei como uma válvula de escape. Mas, não! Na verdade, as lágrimas de uma mulher são um código secreto que só Eu entendo. São um canal direto Comigo que Eu criei.

Quando ela chora, Eu sei que é o momento de Eu me aproximar e lhe abraçar bem forte. EU então, sopro um novo fôlego em seus pulmões. Sua fé se renova e ela se levanta pra voltar a prosseguir. “Aquele homem então, satisfeito com a resposta disse: “Obrigado, Senhor, por ter criado a mulher! Agora eu compreendo o sentido das lágrimas da minha mãe, da minha esposa e da minha filha. A mulher é o ser mais forte deste mundo. É aquela que está mais próxima do coração de Deus. Seus sentidos são mais apurados e refinados. Por isso percebem coisas que nós homens não percebemos. Captam no ar coisas que nós não captamos”.

Por isso ouça e respeite a opinião da mulher que você tem ao seu lado. E da próxima vez que você a vir chorar não a julgue, não diga que está fazendo drama ou que é sensível demais. Apenas respeite, pois aquele é o momento dela com ela mesma e com Deus!

Fábio Teruel



Acordei meio com a telha virada, se me entende, um dia não tão comum como os demais, quando me levanto e digo ao Cosmos, após abrir a janela:

- Bom dia, dia! Aqui estou eu de novo!

De um jeito besta, fico a esperar uma resposta que nunca vem como eu queria, mas é perceptível no celeste firmamento, nos bem-te-vis, canários, sabiás e suas melodias, as gargalhadas das maritacas, o arrulhar dos pombos, o crocitar dos gaviões... Da janela também vejo dois ipês floridos na rua, um abacateiro e uma palmeira no vizinho, enquanto o brilho solar acentua as cores de tudo, dando-lhes a aparência vívida, expressiva, até mesmo para as coisas mortas.

Por falar em mortas, estou a algumas quadras do cemitério, com suas alamedas gramadas e floridas, um lago habitado por marrecos, gansos e cisnes, enquanto a chaminé do crematório expele uma fumaça quase diáfana nos céus. Não raro, pode-se notar uma poeira branca sobre as folhas das árvores mais próximas, e elas se mostram feias e desmilinguidas, sinal de o adubo não ser lá muito bom.

Esta proximidade provoca uma chuva de histórias de fantasmas e coisas estranhas contadas nas rodas de boteco e entre as fofoqueiras do bairro. Entretanto, existe uma que varou as gerações. Há cinquenta anos, mais ou menos, um taxista pegou uma passageira no centro da cidade. Era uma loira voluptuosa, vestido colante, olhos verdes, a voz rouca e inconfundível da Lauren Bacall (se não sabe quem é, vá pesquisar, preguiçoso). Itinerário dado, o carro em movimento,

ela acendeu o cigarro e deu uma longa baforada (naquela época não havia restrições aos fumantes), fixando os olhos nos olhos do motorista refletidos no retrovisor central. Guimba jogada pela janela, ela balançou os cabelos, pegou o batom e delineou os lábios diante de um espelhinho tirado da bolsa. O taxista não sabia o que fazer, se dirigia, se parava, se entabulava uma conversa, sorria ou simplesmente chorava de paixão... sim, aquele homem estava tomado por um fascínio avassalador, que o fez pensar nas maiores e piores loucuras. O silêncio, contudo, era sepulcral.

Tempos depois, chegaram ao local de desembarque, o taxista distinguiu a portaria do cemitério. Ficou tão distraído com a graça da mulher que nem se deu conta de aonde estava indo.

- Pode esperar um pouco, volto logo! – Ela disse e arreganhou um sorriso atordoante, de dentes perfeitos e brancos.

- Sim, claro!... Espero, sim. – Disse ele meio gaguejante.

Bem, para resumir a história, por vinte longos anos o motorista ficou estacionado no mesmo lugar à espera da loira. No início, houve reportagens, apelos das autoridades, do cemitério, a fim de removê-lo da espera. Moradores levavam comida, água e cobertores para ele. Houve quem se dispusesse a ceder-lhe o banheiro da casa para um banho, vez ou outra (ele preferia usar os irrigadores do gramado do cemitério). Mas nada. Havia na guarita um lavabo, com pia e vaso sanitário. Ali se atrevia a entrar, não sem antes garantir ao porteiro ficar de olho, caso a mulher retornasse... Depois, tudo foi se assentando e ele deixou de ser notícia e comover a população. Dois ou três ainda traziam comida ou um café com pão, nada mais. Havia se tornado em elemento da paisagem... Até o dia em que, por falta de pagamento de impostos do carro, ele foi rebocado ao pátio público, a espera de ser leiloado. E o homem se viu literalmente na rua, no meio da calçada, vivendo como indigente.

Anos se passaram, e, uma noite de sexta-feira, a loira saiu. Quando a viu, ficou pasmo, estava ainda mais linda que antes. Correu na direção dela:

- Finalmente você voltou! – Disse entre extasiado e surpreso.

Ela o olhou, estava barbudo, cabeludo, os fios já grisalhos, sujos, as roupas não se ajustavam ao corpo (eram doações dos vizinhos), e levava a tiracolo uma sacola plástica com poucos pertences também doados: escova de dentes, caneca plástica, garfo, colher e canivete.

- Vamos! – Ela disse; tomou-o pelo braço e desceram a alameda, diante do olhar atônito do porteiro.

Nunca mais foram vistos. Há quem diga que a história é verdadeira; algumas testemunhas ainda estão vivas. Outros afirmam ser um delírio coletivo. E os conspiradores veem a situação apenas como um golpe para alavancar o turismo local. De minha parte, nunca acreditei; até o dia em que, voltando para casa, de madrugada, deparei-me com um casal na calçada. Era uma loira exuberante e um homem relativamente comum. Ele me perguntou as horas.

Olhei o relógio.

- Treze para as duas – Disse meio sonolento.

- Obrigada! Disse a mulher.

E percebi, instantaneamente, que ela tinha o mesmo timbre de voz da Lauren Bacall.

HELVÉCIO SANTOS. PROFISSÃO: ARTISTA



Tivemos uma conversa com o Professor de Artes Helvécio Santos, 63 anos, nascido e criado em Belo Horizonte, que estudou na Escola de Belas Artes da UFMG, mas resolveu desenvolver um estilo próprio na pintura, realista, com uma mistura de técnicas, utilizando óleo, acrílico e aquarela, fazendo

“instantâneos” de cenas do cotidiano, capturadas de forma rápida, sem complicações, quase como um retrato tirado em uma antiga máquina Polaroid, utilizando os elementos que tem à mão: restos de tintas, pincéis ressecados, qualquer coisa servindo de instrumento para a sua expressão.

Influenciado pelo professor João Ettiene Filho, do qual foi aluno nos tempos do Colégio Estadual Central, que gostava de dar aula contando casos, da mesma forma hoje procura transmitir seus conhecimentos aos seus alunos, desprezando os livros de arte, que são caríssimos e o conteúdo, na maioria das vezes, segundo ele, não presta para nada. Prefere ensinar o que será útil, e os alunos certamente aprovam. Vale dizer que ele não é somente professor de pintura, mas de artes em geral, envolvendo música, teatro, cinema, teatro, e para isso teve que estudar muito por fora, mas o que gosta mesmo de fazer é pintar.

Ele nasceu temporão, a mãe tinha 40 anos e era viúva, quando conheceu um advogado desquitado - porque naquele tempo não havia divórcio -, e acredita que se apaixonaram por causa da música, pois o pai foi fazer curso de violão clássico na escola de música que funciona até hoje no mesmo lugar, na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, que ficava ao lado da casa onde moravam, onde hoje existe um enorme prédio de vidro (Edifício Mirafiori). Seus pais começaram a namorar e aí ele nasceu. Mas eles nunca moraram juntos.

Helvécio conta que a mãe gostava de música clássica e de ópera, mas ele não sofreu a mesma influência e somente se interessou por outros estilos por causa de um rádio que ganhou quando criança e que tem até hoje. Começou a fazer aulas de piano, mas desistiu, e acabou aprendendo outros instrumentos por conta própria.

O primeiro desenho que fez foi aos quatro anos, em um papel de pão. Com sete ou oito anos desenhou a Igreja de Lourdes e a Igreja da Boa Viagem, e depois foi desenhando alguns outros

prédios da região.

Teve poucos amigos e nunca andou em turma. Foi uma infância e uma adolescência bem solitárias. Segundo ele, “o curso de Belas Artes não ensina a desenhar e a pintar. É igual ao curso de música. Serve para aperfeiçoar o que você já faz. A faculdade não contribui para o talento. A maioria dos seus alunos assiste as suas aulas para cumprir a matéria. Até existem alguns com talentos, mas nem sempre vão levar a arte adiante”.

Para ele, a arte é uma linguagem, independente do tempo ou do local onde o povo está, emitirá manifestação artística. Com relação ao talento, cada um tem o seu tempo, o seu ritmo, o que vale para a arte, que é uma linguagem particular. Mas a arte não é para todos.

Antes de estudar Belas Artes, fazia letras na UFMG, e também fez cursos de desenho de moda no SENAC e no SESC. Hoje dá aula no Estado e na Prefeitura, em turmas do ensino fundamental e do ensino médio. Durante seis ou sete anos trabalhou em três turnos, mas hoje só trabalha em dois. Naqueles anos trabalhava ensinando os professores a utilizarem a tecnologia da informação, a fazerem blogs. Foi nessa época que fez o seu blog, depois fez alguns outros, que no total, tem mais de um milhão de visitas.

Para ele, “a manifestação artística se desenvolve individualmente, solitariamente ou as vezes inconscientemente, a exemplo de Van Gogh, que não tinha noção do que fazia. Já o Picasso era anarquista e era contra tudo o que via na sociedade da época”.

De acordo com Helvécio, os pintores usam recursos para facilitar os seus trabalhos, a exemplo dos que já usavam a câmara escura. Hoje utilizam a tecnologia com maior ou menor grau, a exemplo dos hiper-realistas, que usam fotografias. Existe um aparelho que é uma espécie de projetor e ele projeta na tela para você copiar é delineado, e custa em torno de R\$1.000,00.

Segundo ele, esses desenhos gigantes que são feitos em fachadas laterais de prédios, por exemplo, não seriam realizados sem o uso de tecnologia, porque o desenho é planejado e depois projetado em proporções maiores.

Coisas que lhe deixam feliz é ouvir o que uma aluna novinha lhe falou um dia, depois de terminar o seu período e encontrá-la por acaso, algum tempo depois: “Professor, vou ser artista”.

Para quem quiser conhecer um pouco mais sobre ele, é só entrar em um de seus blogs como o www.artecompontovoc.blogspot.com.

O MEDO DA CÂMERA (2)

Daniela SAVASSI

Aloha! Na semana passada contei um pouquinho dos desafios que já enfrentei na vida e nos palcos. Falamos sobre o imaginário “Medo da câmera” e ficamos de contar um segredinho que me fez superar todos os medos na minha vida real e artística.

Então vamos lá! Existem dois tipos de medos na vida: o benéfico e o maléfico. O benéfico é aquele que te faz agir diante de um medo real, por exemplo, quando você erra o caminho numa noite escura e vai parar em uma rua ou beco desconhecido e aparentemente perigoso. Você resolve engatar a marcha à ré e voltar ou entrar numa contramão e sair logo dali. Ou quando está diante de um assalto e resolve reagir ou toma a decisão de entregar o que tem. Esses são medos de algo real, cujo próprio corpo libera hormônios que te preparam para agir.

O medo maléfico é aquele que te trava, te prende na preguiça, nas desculpas, na procrastinação. Muitas vezes, você nem sabe do medo de que você tem. Você só sabe que não quer fazer algo, porque aquilo te causa um desconforto. É desse medo que estou falando. É dele que temos que nos livrar. O medo que é totalmente imaginário. Sim, ele é irreal, está somente na sua cabeça te impedindo de ser feliz, realizar seus sonhos, amar, vibrar, VIVER!!! Presta atenção! Quando falo você, eu falo Eu, Ele, Ela, todos nós.

Você não está sozinho nessa! 100% da população mundial tem medo todo dia. Medos dos mais variados. Medos reais e medos do irreal, do ilógico. Existe medo de palhaço, de papai noel, medo de andar de bicicleta ou à cavalo, medo de não ser aceito, medo de morrer, de dirigir, medo do ridículo, medo de ter medo!

Eu já tive medo de ter medo quando fui viajar de avião pela primeira vez. Lembro-me que estava com o meu irmão e estava morrendo de medo de ter um ataque de pânico lá em cima e não ter pra onde ir. E o pior é que iríamos fazer uma viagem grande com vários trajetos de avião. Se eu entrasse em pânico no 1º trajeto, como seriam todos os seguintes? Quando o avião decolou e chegou ao céu, senti uma sensação de liberdade tão maravilhosa que só viria a sentir depois, quando aprendi a dirigir. Fiquei simplesmente viciada, no bom sentido, com aquela sensação deliciosa que o subir do avião me dava e a paz que eu sentia olhando as nuvens no céu.

Você acha que eu não sinto medo toda hora? É claro que sinto! A diferença está em buscar algo maior.



É como em uma luta: vence aquele que for mais forte, mais inteligente ou que possua as melhores técnicas ou inteligência emocional. Você precisa encontrar algo que seja maior que o medo. E essa é a solução magnífica que encontrei e quero compartilhar com você. Sabe como fiz para vencer cada medo da minha vida inteira, diariamente? Encontrei algo maior dentro de mim que me fez enfrentar a preguiça, a procrastinação, a inércia.

O amor à arte e a novos desafios é a minha resposta. Eles me fizeram seguir em frente e receber com aquele trabalho que eu quase abdiquei, muito mais do que menções positivas à minha performance e à minha primeira premiação. Aquele trabalho foi um dos grandes marcos da minha carreira dentro de mim. Eu superei muitos medos e desafios e fui recompensada com a certeza de que eu nascera para isso, de que eu era capaz.

Das 5 personagens que entrei para fazer, acabei criando outras 9 e fazendo 14. Eu ia e voltava tantas vezes do local do ensaio que o medo do desconhecido se tornou local prazeroso de ir. Os meus colegas de trabalho se tornaram amigos. E após nossa estreia pude ouvir de profissionais da área, os quais admirava, grandes elogios sobre a energia diferenciada que eu imprimia a cada personagem. Independente de tudo isso, o ganho maior foi ter a oportunidade de me superar com tantas personagens diferentes e provar para mim mesma que eu podia fazer aquilo e fazer bem.

Porque no fim você percebe que a luta é sua com você mesmo! Eu me lembro que, para piorar todo o nervosismo da estreia, o diretor ainda me pregou a maior peça de todas. Há poucos minutos de abrir as cortinas ele me recrutou a abrir o espetáculo, entrando pela plateia totalmente de improviso. Mas, isso é matéria para a coluna da semana que vem.

ÊTA CARRO BONITO!

Muitos leitores reclamaram que a gente estava perdendo tempo em escrever um artigo sobre carros feitos, apesar de ser engraçado, mas precisamos sonhar, ver coisas boas, porque de feiúra já basta a vida da gente, e assim, atendendo a pedidos, resolvemos fazer uma lista dos carros mais bonitos do mundo!



Não, não vamos falar individualmente dessas preciosidades aí, porque sabemos que você não vai conseguir comprar mesmo, ainda que ganhasse na loteria, pois são tão caros, mas tão caros, que só para pagar os impostos você teria que vender tudo o que tem e um pouco mais. Aí tem Aston Martin, Bentley, Ferrari, Tesla, Honda, Kia, Rolls Royce, Lamborghini, Chevrolet, Audi, BMW, Acura e outros.





Vocês podem estar estranhando a presença destes três últimos carros nesta lista, que são muito conhecidos da galera, sendo que os dois primeiros Jeeps, Renegade e Compass, são muito bonitos, mas, segundo a crítica especializada, bebem muito e apresentam defeitos com certa frequência, como acontece com outros carros do grupo Fiat, agora denominado Stellantis. E por último, o velho Fiat Punto, um popular com design perfeito, arredondado, sem recortes, sem excessos.



IDIOSSINCRASIAS BRASILEIRAS

por Jorge F. Isah

O brasileiro é um tipo engraçado. Ao mesmo tempo em que tem complexo de vira-latas, no dizer de Nelson Rodrigues, se considera digno de ser estudado pela Nasa. Talvez não somente pela natureza caótica, mas, porque, há quem diga, somos descendentes de uma finada civilização alienígena capaz de criar o funk carioca, o PCC, o jogo de bicho e o vatapá sem que essas coisas se misturem; porém, se misturadas fariam a “alegria” dos “Orcs” na Terra Média. Vai ver, por isso, os ETs se extinguíram.

Brasileiro gosta e precisa de ídolos. Se nas demais culturas as coisas acontecem naturalmente, e o tempo se encarregará de mostrar quem é ou não gênio e merecedor dos louros, por aqui, a ideia é produzir um a qualquer custo. Tanto que, anualmente, se espera o fim do programa “Big Brother” para saber quem será o novo fetiche nacional. Não dura muito, mas preenche o orgulho pátrio até a próxima edição do reality show.

Há quem duvide que o “menino Ney”, o Neymar Jr., seja brasileiro. Não existe suposição mais esdrúxula que essa, pois nenhum outro país chamaria alguém, com mais de 30 anos, de guri, sem se perceber o ridículo da situação. Se há um brasileiro, ele é ninguém mais, ninguém menos, que o “menino Ney”.

Brasileiro odeia filas, mas não pode ver uma. Se tem fila, tem coisa boa do outro lado, dizem. Por isso, muitos sem saber se aventuram a gastar horas e horas para comprar um eletrodoméstico que não precisa ou a pomada para o prurido que ainda não tem.

Brasileiro é supersticioso o suficiente para não passar debaixo da escada, não cruzar com o gato preto na noite de sexta-feira, ou bater 3 vezes na madeira para prevenir o mal dito. Mas nada se compara ao dia das eleições, quando jura mudar o mundo, enquanto permanece o mesmo.

Há coisas típicas que acontecem apenas aqui, no nosso “varonil” país: se alguém quer entrar em um lugar, mas a saída estiver mais perto, nada melhor do que economizar tempo e esforço, não é?

Brasileiro odeia esperar. Tomar “bolo” então... Mas, se dependesse dele, os relógios marcariam dois horários: a hora exata e a provável, e esta seria cada vez mais improvável.

Muito se fala em corrupção, propina, e estas coisas milenares pertencentes à nossa cultura desde quando os índios ainda eram índios. Outros tantos se indignam, esperneiam, ameaçam quem é useiro e vezeiro em trapaças. Mas nada melhor, para se acalmar os ânimos e os nervos, do que distribuir “bolas”; e não estou pensando me referindo a em esportes.

Outra característica é o pouco caso com as leis. Se lemos: “Proibido jogar lixo”, imediatamente surge o comichão irrefreável de se atirar qualquer coisa, nem que sejam as havaianas, e voltar descalço para casa.

O Brasil não é lugar para amadores, mas poucos são profissionais. E o que isso quer dizer? Bem, somos o ponto fora da curva e, misteriosamente, não há explicação.

Óticas em Belo Horizonte existem centenas, talvez milhares. Mas charmosa como a **Óptica Metrôpole** não existe igual. Fundada em 1980 pelo simpático Zé Antônio, funciona em uma pequena galeria no estilo “Art-Decó”, ao lado de onde existiu a mais famosa loja de departamentos da cidade, a Sears Roebuck, & Co, até meados daquela década, nos tempos em que ainda funcionava o famoso Cine Metrôpole, nas esquina de Rua Goiás com Bahia. Somente lá você consegue encontrar aquele óculos diferenciado, que não conseguiria em lugar nenhum, alguns modelos sendo “garimpados” pelo seu proprietário, em suas viagens. Além disso, com uma experiência de 32 anos, somente a **Óptica Metrôpole** pode indicar as melhores lentes para o seu conforto visual. O endereço é Rua Bahia, nº 105-A, em Belo Horizonte. Telefone (31)3226-3212 e (31)98482-1525 - e-mail opticametropole@gmail.com



Vamu cumê?

Nesta coluna você encontrará dicas de restaurantes em diversas cidades do país, com a indicação de comida boa por preços melhores ainda, além do ambiente, que conta muitos pontos, e também publicaremos algumas receitas fáceis para encher o pandu quando a coisa apertar.

RESTAURANTE TIA NENZINHA

Av. do Descobrimento
170, Porto Seguro - Bahia.

O Restaurante é simples, com uma entrada que quase passaria despercebida, mas serve um dos melhores Vatapás que já comi na minha vida. E a moqueca deles não deixa

nada a desejar. Além disso, tem o Bobó de Camarão que deixa lembranças. O melhor de tudo é que não é muito caro, dá para comer nesse restaurante todos os dias em que estiver hospedado na cidade, sendo opção bem melhor do que encarar um self-service. E além do mais, comi de tudo e não passei mal, como aconteceu em alguns restaurantes que encarei em Salvador, na região do Pelourinho. E fica em um local muito interessante: se você tiver a sorte de pegar uma das mesas que ficam perto da janela, vai poder observar as embarcações que atracam naquele ponto.



CAFÉ PALHARES

(Rua Tupinambás, 638, centro, Belo Horizonte/MG)

Este restaurante, que mais se parece com um bar “copo sujo” possui um cercadinho ao centro onde ficam os funcionários e o caixa, rodeados por balcões, em frente aos quais estão alguns bancos fixos, numa distância que mal cabe as pernas de uma pessoa com mais de 1m75cm, além de ficarem bem próximos da parede, dificultando a passagem dos que pretendem alcançar o seu lugar. Mas o seu

prato principal, melhor dizendo, o seu único prato, o KAOL (cachaça com K, Arroz, Ovo e Linguíça), atrai gente de tudo quanto é lado para provar essa iguaria mineira, à qual foi acrescentada a farofa, bacon frito e a couve refogada, além do molho de tomate que é jogado por cima de tudo, dando um toque especial.

O estabelecimento funciona desde 1938, fundado pelos irmãos Palhares, mas foi vendido em 1944 para o seu Neném e seu cunhado Aziz. Hoje o restaurante é administrado pelos seus filhos João Lúcio e Luiz Fernando. São poucas as opções além do Kaol: tem um pão com linguíça ou pernil e alguns salgados e pão de queijo, além do chope, refrigerantes e cafezinho. A linguíça do Kaol pode ser substituída por pernil, carne cozida, dobradinha ou língua. E o preço é bem popular. Dependendo do horário em que você chegar, vai ter que enfrentar fila, em pé, no meio da calçada. Mas vai valer a pena.

RECEITA DA SEMANA

PÃO ITALIANO

Para fazer uma autêntica massa para pão italiano, você vai precisar de:

1 quilo de farinha de trigo de boa qualidade, se possível, italiana.
800 ml de água morna
1 colher de sopa rasa de sal
1 pacote de 10 gramas de fermento biológico para pães.

Coloque em uma vasilha grande quase todo o conteúdo da farinha de trigo (se não for de boa qualidade, peneirar antes, pois elas vem com várias “bolinhas”).

Coloque o conteúdo do fermento para pães e misture a massa.

Coloque aos poucos a água morna (36°) e vá mexendo com a espátula. Ao final, a massa estará extremamente grudenta, e você vai ter que mexer com as mãos. Deixe a massa descansar por 30 minutos, cobrindo a vasilha com um pano.

Após esse tempo, mexa na massa imaginando dividir a vasilha com um “x”. Vá puxando cada extremidade de cima desse “x” para o meio, repetindo essa ação por aproximadamente 10 vezes. Molhe os dedos em uma vasilha de água sempre que a massa começar a grudar.

Deixe descansar por 10 minutos. Você vai repetir a mesma operação por **três outras vezes**, sempre lembrando de molhar os dedos antes de pegar a massa, para não grudar muito.

Coloque a massa em uma superfície polvilhada com farinha e divida-a em duas, porque renderá dois pães grandes. Role as duas partes sobre a farinha, pois a massa estará ainda muito grudenta.

Coloque duas panelas untadas em azeite em um forno a 220°. Coloque as massas nas panelas e antes de fechá-las com a tampa, risque a superfície com uma lâmina de gilete ou faca bem fina, fazendo uma “grade”. Tampar as panelas e colocar para assar durante 15 minutos. Após esse tempo, destampar as panelas e deixar mais 30 minutos, ou até ficar bem douradas. Ao final desse tempo estará pronto o seu delicioso pão.



MINEIRIDADE

Mineiro é desconfiado por natureza. Adora uma “conversa de pé de ouvido”. Mas não conte um segredo para um mineiro, pois ele adora uma fofoca e pode não conseguir guardar a novidade que você avisou que não era para contar para ninguém. E ainda é capaz de acrescentar alguma coisa, colocando uma “pimentinha” para ficar mais gostoso.

Talvez por estar encerrado entre montanhas, pela falta de visão de um horizonte, ou das ondas de um mar aberto, sua diversão é ficar brincando com o conhecido “telefone sem fio”, espalhando a notícia, que vai se distorcendo e aumentando descontroladamente, até tomar dimensões de escândalo.

Mineiro adora confabular, conspirar. A Inconfidência Mineira aconteceu em Minas Gerais, lembre-se disso. Um grupo estava planejando uma ação contra o governo, que exagerava na cobrança dos impostos, e um deles, Joaquim Silvério dos Reis, os alcaguetou. Mas foi só Tiradentes que acabou se dando mal.

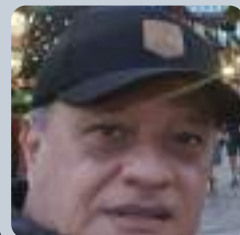
Nunca espere que um mineiro fale alguma coisa diretamente. Quando fizer uma proposta para um mineiro, pode esperar que ele fará rodeios e mais rodeios, vai falar que “tá bom”, mas que “tem que ver”, e que “pode ficar tranquilo”, mas não é para ficar tão tranquilo assim. Mineiro demora para se posicionar. E como demora. Baiano, perto do mineiro, fica parecendo o Usain Bolt.

Tudo do mineiro é no diminutivo. É um negocinho, uma coisinha, um tempinho, um tiquinho, e por aí vai, sempre querendo mostrar que tudo é fácil de fazer, mas não é. Mas o mineiro não é um enganador. Tudo isso é para fazer charme, para demonstrar modéstia, que é o contrário do que fazem alguns povos vizinhos. E é por isso que ele conquista, que abre as portas sorrateiramente, para depois invadir e dominar o cenário.

O personagem que mais representa o mineiro é o Zacarias, de “Os Trapalhões”, interpretado pelo saudoso Mauro Gonçalves, nascido em Sete Lagoas. Mas existem diversos outros mineiros notáveis, que fizeram e fazem muito sucesso lá fora. E nem todo mineiro é fofoqueiro. Nem todo mineiro é tímido. Dissemos isso para colocar lenha na fogueira. Para render o bloco. O melhor do mineiro é a simpatia, e nisso é campeão. Por isso ele vence, porque vai trabalhando pelas beiradas, enquanto os outros se distraem, e ele segue comendo quieto. E ele gosta de comer queijo. Muito queijo. E haja queijo...

QUEM SOMOS

MICHEL SALOMÃO - ator, autor e diretor teatral, roteirista, cronista, contista, cartunista, foi o fundador do "Movimento Ridículo", no início dos anos 1980, quando ainda era um estudante de Direito, e mais tarde ganhou os palcos e os vídeos, com o canal "Coisa Ridícula", onde satirizava situações do cotidiano. Autor de várias peças teatrais, a mais recente delas, "A Natureza dos Machos", estreou em 2019, encenada pela "5ª CENA CIA DE TEATRO", tendo participado da Campanha de Popularização do Teatro em Belo Horizonte, em 2020, mas teve que ser interrompida por causa da pandemia.



JORGE F. ISAH - escritor, teólogo, editor, empresário, fundador da Kálamos Editora, autor de vários livros, entre eles "Debaixo de um Carvalho em Ofra", "Esconderijo de Dias Notáveis", "Arpeggios Insulares", "Esconderijo de Dias Intangíveis", "O Morto Inacabado" e "A Viga Oca sobre o Teto". Com uma evidente preocupação com a estética da escrita e uma inconfessada influência de Dostoiévski, vai criando a sua narrativa em labirintos onde o leitor pode se perder ou se encontrar, não sem antes refletir acerca de sua existência ante as questões divinas. O seu site é www.kalamoseditora.com

DANIELA SAVASSI - atriz e produtora há mais de 20 anos, foi apresentadora do programa "Onde mora a felicidade", do SBT/Alterosa, além de criadora do canal "Danivagueando", onde fala sobre o universo feminino. Realizou diversos trabalhos em teatro, TV e cinema, no Brasil e no exterior. Entre suas produções estão o documentário "Blitz Documento", da Documento da banda Blitz, e "Limites Humanos", um documentário sobre esportes radicais para a Turner Latin America. Morou no Rio de Janeiro por 4 anos e lá fez trabalhos como atriz na TV Globo e na Rede Record. Também morou alguns meses na Itália em busca de conhecimentos de arte e produção e 4 anos no Canadá, onde se especializou em atuação e maquiagem para TV e Cinema. O seu site é www.danielasavassi.com



colaboradora

NÁDIA SANTIAGO - Escritora nas horas vagas, bacharel em direito, pós-graduanda em Técnicas de Redação e mãe da Flávia. O seu instagram é @nadiamsantiago

Quer publicar o seu texto nesta revista?
Envie o seu material para contato@bulunga.com
para que possamos avaliar o seu potencial

PIADAS CLÁSSICAS

Uma mulher passava as compras no caixa de supermercado, quando percebeu que um bêbado examinava detalhadamente seus itens de compra: duas caixas de leite integral, uma dúzia de ovos, um litro de suco de laranja, uma alface americana, um quilo de café e um pacote de bacon fatiado. Enquanto o caixa registrava, o bêbado aproximou-se e disse:

- Você deve ser solteira.

A mulher ficou um pouco espantada com a com a intuição do bêbado, já que, de fato, era solteira. Ela conferiu os itens que estavam sobre a esteira e não conseguiu entender o que teria denunciado o seu estado civil, justamente a um bêbado. Muito curiosa, ela perguntou-lhe:

- O senhor está absolutamente correto. Mas como conseguiu descobrir isso?

E o bêbado respondeu: - É porque você é feia pra caramba!

Na classe executiva do avião, uma linda mulher estava sozinha.

O rapaz, maravilhado, aproximou-se dela e falou:

- Nunca vi uma mulher tão linda em toda a minha vida! Qual é o seu nome?

Muito educada, ela respondeu:

- Ângela Benz, senhor.

Algumas relação com a marca Mercedez-Benz?

- Sim, senhor: o meu preço.

Manuel está tomando banho, e grita para Maria:

- Ô Maria, me traz um xampu.

E Maria lhe entrega o xampu. Logo em seguida, ele grita novamente:

- Ô Maria, me traz outro xampu. Esse não serve.

- Mas não serve por quê, ô Manuel?

- É que aqui está escrito que é para cabelos secos, mas os meus estão molhados.

- Seu delegado, estou muito preocupada. Meu marido saiu hoje à tarde para comprar arroz e ainda não voltou. O que eu faço?

- Sei lá, faz macarrão

- O que você sabe sobre o Tiradentes?

- Ah, professora, ele morreu enforcado.

- Só isso?

- Deixa de ser ruim, Professora: o homem foi enforcado e a senhora ainda acha pouco?

Joãozinho levou o boleto de pagamento da sua escola para o pai:

- Meu Deus, mas como é caro estudar nesse seu colégio! - disse o pai.

Joãozinho respondeu:

- E olha que eu sou o que menos estudo na minha turma.

Dois amigos se encontram depois de muitos anos.

- Casei, separei e já fizemos a partilha dos bens.

- E as crianças?

- O juiz decidiu que ficariam com aquele que mais bens recebeu.

- Então ficaram com a mãe?

- Não, ficaram com nosso advogado.

Se um pato perde a pata, ele fica manco ou viúvo?

Diálogo entre dois planetas:

Marte: Miau!

Saturno: Cala a boca!

Marte: Por quê?

Saturno: Astro-no-mia.

A enfermeira diz ao médico do hospício:

- Tem um homem invisível na sala de espera.

O médico responde:

- Diga a ele que não posso vê-lo agora.

Deve ser muito difícil ser professor de natação:

- Você faz de tudo para ensinar ao aluno, e ele NADA...

O sujeito chega no escritório de seu advogado:

- Quero falar com meu advogado!

A secretária responde: - Seu advogado morreu!

No dia seguinte o sujeito volta e diz novamente:

- Quero falar com meu advogado!

- Já falei que seu advogado morreu! - responde a secretária.

No dia seguinte, a cena se repete e a secretaria perde a paciência:

-Quantas vezes vou ter que dizer pro senhor que seu advogado morreu?

- Desculpe, mas é que eu ADORO ouvir isso

Enterrado em dívidas, o advogado resolve se suicidar. Vai no meio da rua, joga um litro de gasolina sobre o corpo e quando vai atear fogo, uma mulher o segura pelo braço.

- Não faça isso não, seu moço! - diz ela, comovida com a dramática situação.

- Se o problema é dinheiro, a gente vai dar um jeito!

Ela pega uma sacolinha e começa a abordar os carros pedindo auxílio para o advogado. Vinte minutos depois ela volta com a sacolinha quase cheia.

- Quanto você conseguiu? - pergunta o advogado, ansioso.

E ela: - O povo está muito solidário: consegui uns 30 isqueiros e umas 150 caixas de fósforos!

Um bêbado estava andando pela rua quando viu uma lâmpada parecida com a desses filmes de Aladim. Automaticamente, esfregou a lâmpada e saiu um gênio. Ele foi logo perguntando: "você pode fazer três pedidos que eu lhe atenderei". O bêbado, desconfiado, pediu: "eu quero uma garrafa de cachaça que nunca se esvazie". O gênio atendeu imediatamente, e o bêbado bebeu, bebeu e ela não se esvaziou. O gênio, já impaciente, perguntou: "ainda faltam dois pedidos"... E o bêbado: "pode me dar mais duas dessa garrafa, porque é da boa".

Um homem estava andando no meio da rua, puxando um cachorrinho vira-latas pela coleira, e atrás dele centenas de homens. Curioso, o pinguço foi até ele perguntar:

- O que foi que aconteceu?

- Minha sogra morreu.

- Morreu? Morreu de quê?

- Esse cachorrinho a matou.

O bêbado fica por instantes observando aquele cachorrinho franzino, reflete um pouco e depois pergunta.

- Será que você me empresta esse seu cachorrinho?

- Ok: é só entrar na fila.